

Tempo integral ainda não funcionou

As experiências de aumentar a permanência das crianças nas escolas da rede pública brasileira nos últimos anos têm sido marcadas pelo caráter assistencialista. Não têm avançado no campo pedagógico, segundo o pedagogo Celso Ferretti, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador da Fundação Carlos Chagas. Ferretti participou de dois estudos em escolas de tempo integral, um sobre o Ciep e outro sobre o Programa de Formação Integral da Criança

(Profic), implantado em 87 pelo então secretário José Aristodemio Pinotti, em São Paulo.

Para Ferretti, o Profic era falho desde o início, pois não apresentava nenhuma proposta pedagógica. Resumiu-se, segundo ele, a um programa de repasse de verbas, destinadas à direção de escolas organizadas para compra de material suplementar para as quatro horas de aulas adicionadas à carga horária normal.

"O Profic foi rejeitado por muitos professores, porque a es-

cola ficava sobrecarregada com atividades estranhas à educação, como ações de saúde e assistência social", diz ele. Para Ferretti, o programa se reduzia a "alimentar e guardar crianças à custa do professor".

Segundo Ferretti, a proposta de jornada única, implantada em 1988 na rede pública estadual pelo então secretário da Educação Chopin Tavares de Lima, também não representa um progresso pedagógico, pois há completa desarticulação entre os profissionais que trabalham no

projeto. Na jornada única, a criança passa seis horas dentro da escola e assiste a aulas de educação física e educação artística com professores diferentes, além das aulas normais. "Os professores de artes e educação física só dão aula na jornada única para preencher a carga horária; não estão engajados no projeto", diz ele. Ferretti classifica o Ciep, o Profic e a jornada única como "programas de impacto", lançados com alarde e abandonados meses depois por seus idealizadores.